

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO  
EM LETRAS – PORTUGUÊS

# SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

*4º semestre*



## **Presidente da República Federativa do Brasil**

Luiz Inácio Lula da Silva

## **Ministério da Educação**

*Ministro do Estado da Educação* Fernando Haddad  
*Secretária da Educação Superior* Maria Paula Dallari Bucci  
*Secretário da Educação a Distância* Carlos Eduardo Bielschowsky

## **Universidade Federal de Santa Maria**

*Reitor* Clóvis Silva Lima  
*Vice-Reitor* Felipe Martins Muller  
*Chefe de Gabinete do Reitor* João Manoel Espina Rossés  
*Pró-Reitor de Administração* André Luis Kieling Ries  
*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis* José Francisco Silva Dias  
*Pró-Reitor de Extensão* João Rodolfo Amaral Flores  
*Pró-Reitor de Graduação* Jorge Luiz da Cunha  
*Pró-Reitor de Planejamento* Charles Jacques Prade  
*Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa* Helio Leães Hey  
*Pró-Reitor de Recursos Humanos* João Pillar Pacheco de Campos  
*Diretor do CPD* Fernando Bordin da Rocha

## **Coordenação de Educação a Distância**

*Coordenadora de EaD* Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso  
*Vice-Coordenadora de EaD* Roseclea Duarte Medina  
*Coordenador de Pólos* Roberto Cassol  
*Gestão Financeira* José Orion Martins Ribeiro

## **Centro de Artes e Letras**

*Diretor do Centro de Artes e Letras* Edemur Casanova  
*Coordenadora do Curso de Graduação de Artes e Letras* Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

## **Elaboração do Conteúdo**

*Professora pesquisadora/conteudista* Verli Fátima Petri da Silveira

**Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC**

*Coordenador da Equipe Multidisciplinar*

Carlos Gustavo Matins Hoelzel  
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso  
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann  
Silvia Helena Lovato do Nascimento  
Volnei Antônio Matté  
Ronaldo Glufke  
André Krusser Dalmazzo  
Edgardo Gustavo Fernández

*Desenvolvimento da Plataforma*

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

*Gestão Administrativa*

Ligia Motta Reis

*Gestão do Design*

Diana Cervo Cassol

*Designer*

Evandro Bertol

**ETIC - Bolsistas e Colaboradores**

*Orientação Pedagógica*

Elias Bortolotto  
Fabrício Viero de Araujo  
Gilse A. Morgental Falkembach  
Leila Maria Araújo Santos

*Revisão de Português*

Andrea Ad Reginatto  
Maísa Augusta Borin  
Marta Azzolin  
Rejane Arce Vargas  
Samarlene Pilon  
Silvia Helena Lovato do Nascimento

*Ilustração*

Cauã Ferreira da Silva  
Evandro Bertol  
Júlia Rodrigues Fabrício  
Mariana Rotilli dos Santos  
Natália de Souza Brondani

*Diagramação*

Criscia Raddatz Bolzan  
Gabriel Barbieri  
Leonardo Moreira Fabrin  
Luiza Kessler Gama  
Naieni Ferraz  
Victor Schmitt Raymundo

*Suporte Técnico*

Adílson Heck  
Ândrei Componogara  
Bruno Augusti Mozzaquatro

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>unidade 1</b>	
<b>INTRODUÇÃO À SEMÂNTICA</b>	<b>6</b>
Sobre o objeto e as dificuldades de conceituação .....	6
A semântica e o fazer científico .....	8
A semântica nos estudos da linguagem.....	8
<b>unidade 2</b>	
<b>O PROCESSO SEMÂNTICO VOCABULAR</b>	<b>10</b>
Aspectos vocabulares da semântica e a aquisição de vocabulário.....	10
Sobre outros processos semânticos.....	13
Hipérbole.....	15
Símbolo .....	15
Sinestesia .....	15
Catacrese.....	16
<b>unidade 3</b>	
<b>O PROCESSO SEMÂNTICO FRASAL</b>	<b>18</b>
As relações lógicas e de produção de sentidos em sentenças.....	18
Relações de sentido: da lógica à enunciação.....	18
Predicações, predicadores .....	20
Papéis argumentais .....	20
Sobre os termos argumentais.....	20
<b>unidade 4</b>	
<b>PARA SABER MAIS</b>	<b>22</b>
Funcionamento da linguagem e produção de sentidos .....	22
Frases futebolísticas: o dito e o implícito.....	22
Fenômenos conversacionais: implicaturas e máximas .....	23
Teoria de interpretação dos enunciados .....	24
Máximas conversacionais .....	24
Frases futebolísticas: .....	27
Uma análise sobre o dito e o implícito .....	27
Referências bibliográficas.....	31
Revisão final.....	32
Bibliografia consultada .....	32

## APRESENTAÇÃO

A disciplina de Semântica do Português, como o nome já diz, deve privilegiar os aspectos semânticos, tratando dos processos de produção dos sentidos. Nosso objetivo principal é o de conduzir reflexões sobre a língua e o aperfeiçoamento da comunicação em língua portuguesa de cada um. Diante desta expectativa, centraremos a disciplina na leitura, interpretação e reflexão acerca dos elementos propostos no programa. Isso deve ocorrer de modo integrado, pois são etapas complementares no processo da aprendizagem e viabilizam as atividades que desenvolvem estratégias de uso da língua portuguesa para a comunicação.

Desenvolver a comunicação em língua portuguesa implica a viabilização de discussões teóricas e metodológicas, o que contribui com a formação pessoal e profissional do grupo de professores em processo para o qual esta disciplina se destina.

Nossa expectativa é muito grande em torno das possibilidades de trocas de experiências, a partir das quais será possível o crescimento de todos e o início de grandes amizades. Estejamos todos de coração aberto para as novidades que este curso poderá nos trazer e para as alegrias que irá nos proporcionar.

Continue sua Leitura. Para saber mais consulte a Dinâmica do Curso.

### ATIVIDADE

Consulte a apresentação em PowerPoint disponível no ambiente.

### ATENÇÃO

**Importante:** Internet nos lembra “*internetês*”, não é? É verdade, mas isso nem sempre é adequado. Veja por exemplo a nossa situação de comunicação: estamos num curso de Língua Portuguesa. Podemos usar o *internetês*? Às vezes... mas, nem sempre... Num *chat*, por exemplo, podemos utilizar o *internetês* livremente... Já nas atividades avaliativas da disciplina use SEMPRE a língua portuguesa padrão, aquela própria da modalidade escrita. Em situação de avaliação evite gírias, abreviações, variações próprias à língua falada.

Obs.: Será aberto um FÓRUM DE DÚVIDAS na primeira semana, ele permanecerá aberto e poderá ser acessado durante todo desenvolvimento da disciplina.

## unidade 1 INTRODUÇÃO À SEMÂNTICA

*Primeira semana*

### **SOBRE O OBJETO E AS DIFICULDADES DE CONCEITUAÇÃO**

A área de Estudos da Linguagem subdivide-se cada vez mais, buscando dar maior visibilidade ao objeto ao qual se dedica estudar; isso, de certa forma vem responder aos questionamentos da ciência positivista que insiste na delimitação do objeto de estudo e da descrição do método de análise. No entanto, quando se trata dos estudos advindos das áreas das Ciências Humanas, Letras e Artes, isso não se dá de modo tão direto e perfeito, colocando em dúvida, então, o estatuto de ciência que estas áreas buscam. É num contexto tão adverso que se inserem os estudos da linguagem e, mais especificamente, os estudos semânticos, tema de nossas reflexões na disciplina de **Semântica do Português**.

Historicamente reconhecemos as partes da língua, tal como elas aparecem divididas na gramática, onde se enfatiza a morfologia, a sintaxe, a ortografia, etc.; mas quando se trata da **Semântica**, a tão temida área da produção dos sentidos, nos deparamos com uma rápida menção a ela ou com a sua ausência (o que, por si só, já significa muito). Estamos diante de um importante sinal que marca o espaço destinado à Semântica, bem como as dificuldades de enquadramento dessa área de estudo num contexto de ciência positivista. Pois, para estudarmos a Semântica, precisamos nos despir de uma visão tradicional de ciência e passar a compreender as especificidades que essa área apresenta. Estudar a Semântica de uma língua é observar como se dão os processos de produção de sentidos, sendo possível algumas categorizações, a descrição de alguns processos, a compreensão... mas não se chega à completude ou à totalidade, pois a produção dos sentidos está em constante movimento, o que imita a engrenagem (foto escolhida para a capa), onde um elemento depende do outro — enquanto estrutura interna —, mas há também a interferência dos elementos externos — que sempre podem ser outros (sujeitos, situações, etc.) — o que vai alterar os sentidos sobre as palavras, as sentenças, os textos, os discursos.

Segundo Maria Helena Duarte Marques. (2001), no tocante ao estudo da semântica do português, no Brasil, temos poucos trabalhos e

predominam, ainda, no plano genérico, os estudos ditos tradicionais, que tratam da evolução do significado das palavras e exploram traços desviantes de significado, como os chamados usos figurados da linguagem e fenômenos de hipersemantização, metáfora, metonímia, polissemia, sinonímia, denotação e conotação, processos semânticos ligados à

expressividade, analisados quase sempre, quanto aos fatores históricos, psicológicos, sociais, culturais que os condicionam (p. 11).

Trata-se da corrente de estudos tradicionais já bastante criticados pelas correntes que reúnem estudos estruturalistas e gerativistas. Em termos gerais, os estudos linguísticos da segunda metade do século XX passa a diluir as questões semânticas no tratamento de outros aspectos da língua, sobretudo na consideração da chamada competência linguística e comunicativa. Sob esta perspectiva, a produção da linguagem se dá com base na capacidade dos falantes “de perceber e aprender, intuitivamente, o significado das formas linguísticas, de julgar a aceitabilidade, a logicidade e a coerência de elementos vocabulares, de sintagmas e de textos, falados ou escritos, de sua língua” (Idem, p. 12). Tal abordagem também tem problemas, pois acaba anulando qualquer possibilidade de se analisar os elementos simbólicos que fazem da linguagem o que ela é: espaço de produção de sentidos, no qual se estabelecem as relações entre interlocutores.

Para Marques (2001), nosso maior problema é “encontrar meios, processos simples e viáveis, de introduzi-la [a semântica] como objeto de análise específica, mostrá-la como domínio de conhecimento relativamente autônomo na linguagem” (Ibdem). O fato de maior relevância nos parece ser o de que há uma grande dificuldade nos estudos semânticos, porque é difícil dar conta de tantos aspectos da significação, a abrangência é muito grande e a gama de inter-relações/interdependências se estende por diferentes áreas do saber. Diante destas dificuldades, cabe a nós introduzir aqui os estudos da semântica, o que faremos pela historicização, compilação, descrição e comentários acerca dos estudos do significado. Não temos a pretensão de dar conta da abrangência e da diversidade que envolve as questões vinculadas ao estudo dos processos de produção de sentidos, mas temos o objetivo de compreender um pouco mais estes processos e suas inter-relações, visando a um melhor desempenho linguístico.

#### APLICAÇÃO PRÁTICA

Ver entrevista com Jerry Fodor em:  
FODOR, Jerry. *Semântica: uma entrevista com Jerry Fodor*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 8, março de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Gustavo Brauner. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].

*Segunda semana*

## A SEMÂNTICA E O FAZER CIENTÍFICO

Embora seja bastante difícil apresentar uma noção definitiva para o que é Semântica, não faltam tentativas para fazê-lo, numa busca constante de sustentação do estatuto científico que esta disciplina reivindica. Dentre as principais definições destacam-se: "Semântica é o estudo do significado em linguagem" e "Semântica é a disciplina que estuda o sentido dos elementos formais da língua". São duas noções interessantes, e que em alguns aspectos práticos aproximam-se uma da outra, mas colocam em discussão outra noção também polêmica neste campo de estudos, que é a definição de "significado" e de "sentido".

Muitas vezes, as noções mencionadas representam o diferencial, já em outras situações aparecem como formas sinonímicas, a segunda problemática no tocante às definições fundamentais da área semântica da Semântica. Eis que o princípio de tudo é realmente sinalizar para os estudiosos da linguagem a força dos processos de produção de sentidos, as nuances reveladas na língua e que fazem toda a diferença. Em nossa concepção é este o princípio que norteia os estudos semânticos: são complexos os processos de produção de sentidos e para estudá-los, cientificamente ou não, é preciso levar em conta os elementos linguísticos e os extra-linguísticos, enquanto constitutivos e não meramente como parte de um cenário.

De fato não temos uma definição precisa e suficiente para a Semântica, mas os estudos realizados nas últimas décadas apontam caminhos possíveis para se pensar em processos semânticos, caminhos que operacionalizam os estudos, caminhos que guiam os estudiosos para o interior de processos complicados e diversos, que, por sua especificidade, instauram a possibilidade de se significar diferente sempre no interior da linguagem. Abre-se um espaço para pensarmos no funcionamento da leitura e da interpretação na produção dos sentidos, sendo a forma, o ponto de partida, mas não o ponto de chegada.

## A SEMÂNTICA NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A Semântica é considerada como um dos ramos da Linguística, jovem ciência que se preocupa com as questões da linguagem sob diferentes aspectos, inclusive com os processos de produção dos sentidos, presentificados pelos estudos semânticos. Tradicionalmente, ao ser tratada neste campo, a semântica se revela em uma subdivisão representada pela semântica lexical, pela semântica da sentença e pela semântica do texto. **A primeira** preocupa-se com as palavras e a produção dos sentidos associados a elas. **A segunda** revela a produção de sentidos no interior da frase, as relações entre as palavras (por elas mesmas), sem considerar o contexto. Já **a terceira** vai ocupar-se do uso da língua em textos falados ou escritos, levando-se em conta aspectos contextuais e situacionais.

**OBS.:** Atualmente, os estudos semânticos avançam na direção da discursividade, revelando um espaço para o funcionamento dos aspectos extra-linguísticos (momento histórico, ideológico, etc.).

**EXEMPLO**

Atualmente, utilizamos com frequência a metáfora da melancia como espaço de atribuição de sentidos a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. Vejamos:

a) **na semântica lexical:** “melancia é uma fruta grande, verde por fora e vermelha por dentro, plena em água e açúcar”. Este é o sentido instituído, todos nós reconhecemos sem dificuldade.

b) **na semântica da sentença:** a palavra melancia é utilizada na frase “João da Silva é melancia”. Tal sentença é retirada do interior de uma matéria jornalística que está noticiando a saída de um político filiado ao partido comunista (PC) e a sua imediata entrada no partido verde (PV). Trata-se da referência à cor vermelha, tradicionalmente associada ao comunismo; e à cor verde do partido que defende a preservação da vida, meio ambiente, etc.. Ao denominar este político de “melancia”, a metáfora revela/reafirma que ele mudou de partido e logo passa a ser verde (PV) por fora, mas continua vermelho (PC) por dentro.

c) **na semântica do texto:** A palavra melancia em diferentes textos produzirá diferentes sentidos. Vamos retomar o exemplo utilizado para a semântica da sentença: “João da Silva é melancia”, ela agora está no interior de uma matéria jornalística, mas já não constitui uma notícia política e sim uma notícia futebolística. Eis que precisamos observar o contexto e a situação para atribuímos sentidos à referida metáfora. O contexto é o seguinte: segunda-feira, Porto Alegre, notícia do jogo de Grêmio X Palmeiras. A situação é: grande número de torcedores para o Palmeiras, dentre eles a autoridade gaúcha João da Silva (personagem que criamos), o Grêmio perde o jogo. O que significa dizer/escrever “João da Silva é melancia”? Na verdade, João da Silva é torcedor do Internacional, foi ao jogo do Grêmio, mas não torceu para o Grêmio... vestiu a camiseta verde do time adversário, pois é do senso comum que a rivalidade faz torcedores do Inter torcerem contra o Grêmio (e vice-versa). Enfim, João da Silva é vermelho (cor predominante no Inter) por dentro e verde (cor predominante no Palmeiras) por fora, como uma melancia.

**ATIVIDADE**

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

## unidade 2

### O PROCESSO SEMÂNTICO VOCABULAR

*“É possível pensar que o grande trunfo da enunciação seja o fato de ela não ‘desperdiçar nada’ e ao mesmo tempo ser capaz de incorporar fatos tão diversificados em favor da produção dos sentidos.”*

HUGO MARI, in *Os lugares do sentido*

*Terceira semana*

#### ASPECTOS VOCABULARES DA SEMÂNTICA E A AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO

Como vimos na Unidade I, a Semântica ocupa-se dos estudos do sentido e um de seus ramos está vinculado ao estudo das palavras e dos processos de produção de sentidos que a elas estão vinculados. Nesta unidade abordaremos os aspectos vocabulares, explorando um pouco da teoria proposta por Ullmann, autor que representa o estudo do significado atrelado a aspectos lexicais de línguas particulares. A partir dos estudos deste autor, consolidaram-se as tendências que explicitam a necessidade de se levar em conta as associações no uso das palavras, os efeitos estilísticos que elas produzem e o seu caráter histórico, tendo em vista que é historicamente que são produzidas alterações de sentidos sobre as palavras.

Principais processos de produção de sentidos a serem abordados nesta unidade:

***Sinonímia, homonímia e polissemia.***

**Sinonímia:** revela relações assimétricas entre nome e sentido, nas quais vários nomes referem-se a um mesmo sentido.

**Homonímia:** revela relações assimétricas entre nome e sentido, nas quais um só nome vincula-se a diferentes sentidos.

Enquanto a sinonímia nos remete à possibilidade de controlar os sentidos, a homonímia abre espaço para a ambiguidade e para a polissemia. Embora seja difícil distinguir a homonímia da polissemia, Ullmann propõe que se pense em homonímia quando diferentes significados são expressos por um mesmo nome e que se pense em polissemia quando haja diferentes matizes de um mesmo sentido básico para um mesmo nome. De fato, o que caracteriza a **polissemia** é a existência de um traço comum de significado entre sentidos diversos de uma mesma palavra.

Há ainda que destacar outras relações que se realizam na associação das palavras de uma dada língua, o que pode ocorrer entre dois nomes; entre dois sentidos, ou entre nomes e sentidos ao mesmo tempo. Exemplos disso são:

As metáforas – alterações por semelhança de sentidos.

Ex.: pulmões da cidade (árvores).

As substituições – alterações por semelhanças de nomes.

Ex.: coser/costurar, cozer/cozinhar

As metonímias – alterações por contiguidade de sentidos.

Ex.: Gilete – lâmina de barbear

As elipses – alterações por contiguidades de nomes.

Ex.: foto – fotografia

Da perspectiva de Ullmann, a produção de sentidos das palavras sustenta-se no tripé nome/sentido/coisa, a partir do qual ele passa a discutir a máxima proposta por Saussure de que o signo é arbitrário, pois

De um lado, é possível considerar que uma palavra tem tantos sentidos quantas sejam as suas diversas realizações contextuais. De outro lado, pode-se interpretar que a indeterminação inerente ao significado decorre do fato de uma palavra ter um sentido básico, a que se somam fatores contextuais lógicos, emotivos, combinatórios, evocativos e associativos, que introduzem nuances interpretativas diversas, no mesmo significado básico. (Marques, 2001, p. 61)

O exemplo que Marques (Idem) apresenta é bastante elucidativo, vejamos:

**EXEMPLO**

A palavra é “regime”:

*Regime* teria diferentes significados em ‘regime alimentar’ (=dieta), ‘regime trabalhista’ (=legislação), ‘regime paternalista’ (=comportamento), ‘regime presidencialista’ (=forma de governo), ‘regime militar’ (=regulamento), etc., condicionados pelo contexto, ambiente linguístico e pelas circunstâncias em que é empregado.

Analisando este exemplo, podemos dizer que há uma unidade de significação em torno da palavra *regime* que, sob diferentes circunstâncias, leva-nos a pensar “num conjunto de regras específicas”. A essa unidade de sentidos são acrescentados outros que acabam transformando e produzindo diferentes efeitos de sentidos. Assim, quando a palavra *regime* aparece sozinha, descontextualizada, está potencialmente carregando todos os sentidos ou nenhum deles. Esta abertura em potencialidades para a palavra pode esvaziá-la de sua denotação básica a tal ponto que pode vir a produzir novos sentidos sobre ela, promovendo o processo de **hipersemantização**.

Por outro lado, temos o funcionamento da circunstancialização que promove a produção de um sentido específico possível somente sob dadas circunstâncias e não outras, o que resulta no processo de **dessemantização**. Para esse caso, temos

os exemplos das saudações, agradecimentos, parabenizações, etc. Ou seja, ao dizermos “Obrigado” num contexto de agradecimento, o funcionamento é muito próprio, pois ao sair deste contexto a palavra significa “obrigação”, o que contraria a direção do sentido de agradecimento, ou seja, o sentido básico que dá unidade de significação não pode estar associado, só funciona porque foi destituído dele aquele sentido primeiro.

Quarta semana

## SOBRE OUTROS PROCESSOS SEMÂNTICOS

Já temos uma rápida noção dos principais processos de produção de sentidos vinculados à constituição vocabular e suas inter-relações, o que vai nos levar a refletir sobre a construção de frases e nos conduzirá à compreensão destes processos no interior de textos. Vejamos mais alguns casos e seus exemplos.

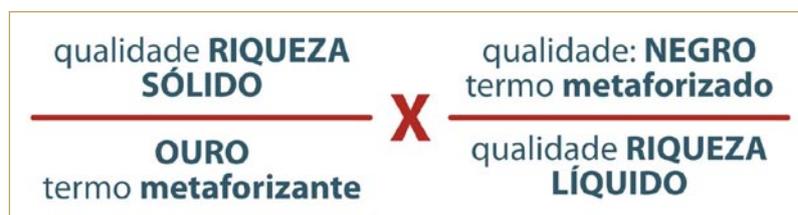
Na frase :

No deserto, o **ouro negro jorrava** em torrentes.

O exemplo mostra uma clara transferência de significados, posto que a semântica dicionarial (o significado costumeiro) informa que ouro: 1º: não é negro; 2º: sendo sólido, não jorra, propriedade de líquido. Percebe-se, então, que OURO NEGRO é uma expressão que, no exemplo, está substituindo o substantivo concreto que constitui o sujeito. Considerando a qualidade usualmente mais associada ao ouro, temos:

OURO: VALOR ECONÔMICO OU RIQUEZA EM MATÉRIA SÓLIDA

:: QUALIDADE "NEGRO": RIQUEZA QUE "JORRA", LÍQUIDA



Como numa adivinhação, brincadeira de crianças, a metáfora sugere a questão: o termo metaforizado é uma matéria líquida e negra que possui a mesma qualidade de riqueza econômica que o ouro, ou seja, petróleo. Ouro equivale a petróleo se considerado o aspecto do valor pecuniário das duas substâncias.

Podemos estabelecer outros tipos de analogia, com operações de conjuntos ou equações exponenciais, por exemplo:

### EXEMPLO 1

**Explicando metáfora com operações de conjuntos:**

Consideremos primeiramente que todo signo tem seus correspondentes significantes (significados possíveis) num universo ou continuum semântico. Nesse universo, podemos delimitar subconjuntos de significantes pertinentes a cada signo. Muitos significantes podem pertencer simultaneamente, ou figurar ao mesmo tempo em diferentes subconjuntos em função do contexto de um enunciado.

Analisemos a **metáfora** em:

Napoleão **amargou a derrota**.

Tomemos então 2 subconjuntos de significantes:

D = subconjunto dos significantes para **derrota**

A = subconjunto dos significantes para **amargo**

REPRESENTEMOS A RELAÇÃO:

$A \cap D$  [ A intersecção D ]

Ou seja,

BUSCAMOS O PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE **AMARGO** E **DERROTA**.

Comparemos então os conjuntos de significados dos dois termos da metáfora:

**Derrota:** perda, desgosto, humilhação, **sensação desagradável**

**Amargo:** oposto ao doce, oposto ao gostoso, **sensação desagradável**

*Minha sogra tem uma língua afiada*

Ora, ser afiada, cortante, não é atributo natural desse órgão chamado língua. No caso, a língua foi elevada à condição de afiada, à potência "afiada". Para entender a **metáfora** perguntamo-nos: que coisas são normalmente passíveis de serem consideradas afiadas? Resposta: lâminas, tesouras, facas, espadas etc. Observemos que poderíamos resumir essas coisas todas no conceito de ARMA BRANCA, conforme o uso que delas se faz.

## EXEMPLO 2

*Buscava o coração do Brasil.*

O Brasil não possui o órgão biológico em questão. Portanto, coração significa aí o centro vital, a essência, o âmago do país.

*Achamos a chave do problema.*

O problema não é nenhuma fechadura, mas para resolvê-lo (ou abri-lo) o elemento que se diz ter achado é tão necessário quanto uma chave para abrir uma porta.

*Uma noite triste.*

A noite em si é neutra no que toca a sentimentos. Somos nós que podemos lhe atribuir emoções.

*O furacão rugia, expressando sua fúria.*

Comparam-se aqui os sons do furacão aos rugidos de uma fera, bem como a sua intensidade à expressão de um sentimento humano ou animal, a fúria.

### **HIPÉRBOLE**

É o exagero puro e simples.

*Era louco por seu time.*

Com isso, quer se dizer que o sujeito gostava demasiadamente, amava seu time, a ponto de perder a razão.

*Rios de lágrimas derramei por você.*

Por mais que alguém chore, não formará sequer um riacho...

### **SÍMBOLO**

É a metáfora que acontece quando o nome de um ser ou coisa concreta assume um valor convencional e abstrato.

*A cruz pode enfrentar a espada.*

Não se trata, naturalmente, de usar o crucifixo como arma... Quer-se dizer, por exemplo, que a religião cristã, simbolizada pela cruz, pode enfrentar a violência, simbolizada pela espada.

*"E acreditam nas flores vencendo o canhão."*

O verso de Geraldo Vandré tem sentido semelhante: as flores simbolizam a paz; o canhão, a guerra.

### **SINESTESIA**

É a figura em que se fundem as sensações visuais com auditivas, gustativas, olfativas, táteis. A figura dos sentidos.

*O doce sabor da liberdade.*

Como abstração que é, a liberdade não tem sabor nem doce, nem salgado. Queria pintar a casa com uma *cor quente*.

Ninguém se queimará ao encostar numa parede vermelha, no entanto, por estar associada ao fogo, a cor transmite a sensação de calor. Por isso, pode ser chamada de "cor quente".

## CATACRESE

É uma variedade de metáfora natural da língua, de emprego corrente, que serve para suprir a inexistência de um nome específico para determinada coisa.

*Nariz do avião, pé da mesa, boca da noite, dente de alho, embarcar no trem, etc.*

### EXEMPLO 3

Metáfora Temporal – exemplos

#### Suavizando o enunciado

Há tempos verbais específicos para representar o mundo narrado e para o mundo comentado: no mundo narrado predominam os tempos do passado e, no mundo comentado, os tempos do presente. Quando usamos tempos do mundo narrado no mundo comentado, ou vice-versa, temos um efeito diferente nos comentários: na primeira hipótese, há um afrouxamento das expressões e enunciados e, no segundo, há um maior comprometimento do enunciador. A esse fenômeno puramente elocucional, chama-se metáfora temporal. Toma-se como exemplo uma notícia de jornal:

#### Contra-Ataque

O ministro boliviano da Presidência, Juan Ramón Quintana, afirmou que a Bolívia está às portas de um "verdadeiro golpe de Estado contra a ordem constitucional" para derrubar o governo. Jornal A Cidade. Brasil & Mundo. A11. 08/08/2008

A mesma notícia terá uma conotação menos comprometida se usarmos os tempos do pretérito. O comprometimento do enunciador fica mais leve:

#### Contra-Ataque

O ministro boliviano da Presidência, Juan Ramón Quintana, **teria afirmado** que a Bolívia estaria às portas de um "verdadeiro golpe de Estado contra a ordem constitucional" para derrubar o governo.

**Inutilidades:** abaixo, um poema de José Paulo Paes que exemplifica bem o uso das metáforas em nosso cotidiano. Veja:

#### INUTILIDADES

(José Paulo Paes)

Ninguém coça as costas da cadeira.  
Ninguém chupa a manga da camisa.  
O piano jamais abana a cauda.  
Tem asa, porém não voa, a xícara.

#### APLICAÇÃO PRÁTICA

Confira no ambiente link para **leitura** do texto *Minha Pátria É Minha Língua*

De que serve o pé da mesa se não anda?  
E a boca da calça se não fala nunca?  
Nem sempre o botão está em sua casa.  
O dente de alho não morde coisa alguma.  
Ah! se trocassem os cavalos do motor ...  
Ah! se fosse de circo o macaco do carro ...  
Então a menina dos olhos comeria  
Até bolo esportivo e bala de revólver.

Fonte: [http://74.125.47.132/search?q=cache:rgX93WFO\\_\\_OJ:sites.uol.com.br/ligiacabus/semiotica/metaforas.htm+semantica+exemplos+de+met%C3%A1fora&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a](http://74.125.47.132/search?q=cache:rgX93WFO__OJ:sites.uol.com.br/ligiacabus/semiotica/metaforas.htm+semantica+exemplos+de+met%C3%A1fora&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a)

**ATIVIDADE**

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

## unidade 3 O PROCESSO SEMÂNTICO FRASAL

Quinta semana

### AS RELAÇÕES LÓGICAS E DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM SENTENÇAS

A lógica tem origem na filosofia e constitui-se como um ramo da matemática, mas a lógica simbólica proposicional é uma das possíveis diretrizes para o estudo do significado. Encontra-se com frequência, nos estudos de orientação estruturalista e gerativista, a avaliação do sentido lógico verdadeiro ou falso de sentenças, tomadas como estruturas proposicionais. Interessa-nos, nesse momento, explicitar as principais características da lógica simbólica e do papel que poderia desempenhar nos estudos da linguagem.

O princípio que rege tal abordagem parte de proposições simples, ou elementares, que se relacionam por meio de conectivos lógicos, de acordo com regras que definem, automaticamente, as condições de verdade das construções. Assim, o sentido de uma proposição é verdadeiro ou falso.

Os conectivos lógicos estabelecem entre proposições quatro tipos de relações: a de conjunção; a de disjunção; a de implicação condicional e a de implicação bicondicional. Além disso, qualquer proposição simples ou complexa admite a negação.

#### Principais conectivos lógicos:

Conjuntivo: ...e...

Disjuntivo: ...ou...

Condicional: se...

Bicondicional: ...se e somente se...

Negação: não é o caso que...

### RELAÇÕES DE SENTIDO: DA LÓGICA À ENUNCIÇÃO

Vejam como funciona no caso da negação, partindo da lógica em direção à perspectiva **ENUNCIATIVA**. Nesse caso ela pode ser, pelo menos, de três tipos:

1. Descritiva, como no enunciado: "Paulo e Maria não virão para a reunião de hoje."
2. Polêmica, como no enunciado: "Este abacaxi não está bom, está ótimo."
3. Metalinguística, como no enunciado: "João não vai nos ajudar amanhã, ele teve que viajar."

A **negação descritiva** informa algo como oposto ao que é dito pelo enunciado sem a negação. Da perspectiva lógica, se o enun-

#### APLICAÇÃO PRÁTICA

Ver **entrevista com John Searle** em:

SEARLE, John. *Filosofia da Linguagem: uma entrevista com John Searle*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 8, março de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

#### SAIBA MAIS

**Enunciativa:** Esta relação é proposta por Eduardo Guimarães, em seu artigo *Semântica e Pragmática*, publicado no livro **A palavra e a frase** (2006).

ciado com a negação é verdadeiro, o com afirmação é falso. Logo, se *Paulo e Maria não virão* é um enunciado verdadeiro, então *Paulo e Maria virão* é falso.

Na **negação polêmica**, um enunciado de um certo locutor contém, nele mesmo, duas enunciações. De um lado uma enunciação como “este abacaxi está bom”. E ao mesmo tempo, a enunciação de “não, não é simplesmente isso. Este abacaxi não está bom, está ótimo”.

A **negação metalinguística** é a negação direta da enunciação de um outro locutor. Logo, se Locutor 1 diz algo, o Locutor 2 se opõe ao Locutor 1 pelo enunciado negativo que diz.

Com o exemplo da negação, podemos concluir que as relações lógicas são importantes, mas a produção do sentido depende também da enunciação.

#### **ATIVIDADE**

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

Sexta semana

## PREDICAÇÕES, PREDICADORES, PAPÉIS ARGUMENTAIS

Tratar das questões que circundam os processos de produção de sentidos, como vimos até aqui, é um trabalho complexo que passa o âmbito das palavras e da frase apontando para o texto, situação de enunciação, prática social. Quando se trata dos aspectos semânticos da frase, o que se percebe é que grande parte dos autores estabelecem relações entre a semântica e a sintaxe, elegendo elementos gramaticais como próprios para a realização de análises. As relações sintático-semânticas funcionam, há bastante tempo, como lugar da análise estrutural consolidado. Isso se deve ao fato de que ainda estamos resolvendo questões metodológicas da análise semântica que se daria por ela mesma.

Deteremo-nos, neste momento, na compreensão do que são e de como funcionam os predicadores e os papéis argumentais no interior da frase, onde é possível observar as relações de sentido.

### O que é predicar?

É o ato de relacionar termos argumentais e atribuir-lhes determinadas propriedades, numa estrutura de predicação.

### O que são termos argumentais?

São termos que desempenham papéis de participantes e circunstâncias, estabelecendo relações entre verbos, nomes e advérbios.

## SOBRE OS TERMOS ARGUMENTAIS

Os termos argumentais podem ser denominados também como papéis argumentais ou papéis temáticos e, em geral, são determinados pelo verbo. Desta perspectiva podemos dizer que são, mais ou menos, fixos, mantendo um funcionamento que, na maioria das vezes, independe das relações de concordância, regência e colocação, previstas pela sintaxe tradicionalmente desenvolvida nas gramáticas.

Os principais termos argumentais são:

- **o agente** – indivíduo que tem a iniciativa da ação;
- **o alvo** – indivíduo ou objeto afetado pela ação;
- **o instrumento** – objeto de que se serve o agente para praticar a ação;
- **o beneficiário** – indivíduo sobre o qual incide a ação trazendo-lhe benefício ou prejuízo;
- **o experienciador** – indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo.

### EXEMPLO

(1) Joãozinho quebrou a vidraça com uma pedra.

Agente: Joãozinho

Alvo: a vidraça

Instrumento: a pedra

Beneficiário: ?

Experienciador: Joãozinho (e o dono da vidraça?)

(2) Mariana deu um livro a Joãozinho.

Agente: Mariana

Alvo: o livro

Instrumento: ?

Beneficiário: Joãozinho

Experienciador: Mariana (e Joãozinho?)

Pelos exemplos dados, pode-se perceber que a sentença é um espaço limitado, no qual alguns termos argumentais se sobressaem a outros, que, embora fixos, não estão sempre presentes em todas as sentenças. É importante destacar também que, ao tratarmos de papéis semânticos, escapamos um pouco da estrutura sintática, dando maior visibilidade aos aspectos semânticos mesmo. Nestes exemplos podemos destacar também os predicadores que, invariavelmente, são os verbos (neste caso, quebrar e dar), por isso predicar, predicções e papéis argumentais estão estreitamente ligados.

### ATIVIDADE

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

## **unidade 4** **PARA SABER MAIS**

*Sétima semana*

### **FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

Para finalizarmos nossas reflexões, estudaremos um pouco como se apresentam os conteúdos implícitos, como resultantes do processo inferencial de comunicação, a propósito das máximas conversacionais de Grice. Merecem destaque, aqui, as implicaturas e máximas conversacionais. Vejamos o texto da Prof<sup>a</sup>. Márcia Lone Surdi, da UNOCHAPECO/SC, que explora o dito e o implícito em frases futebolísticas, algo do nosso cotidiano e que, às vezes, passa de modo despercebido diante de nossos olhos.

### **FRASES FUTEBOLÍSTICAS: O DITO E O IMPLÍCITO**

#### **Introdução**

A linguagem humana, como veículo de comunicação, é constituída de fenômenos linguísticos que não são simplesmente convencionais, mas compostos, também, por elementos novos que interagem durante o processo de uso da linguagem.

Esses novos elementos não fazem parte do sentido literal dos enunciados, ou melhor, produzem-se sentidos diferentes daqueles que as expressões teriam.

Se você estiver com muito calor, poderá dizer que está "suando" (com u) e não "soando", pois quem "soa" é sino!

<http://www.jurisway.org.br/v2/curiosidade.asp?pagina=1&idarea=57&idmodelo=3802>

Assim, muitas vezes, quando falamos, dizemos muito mais do que aquilo que aparece explícito no enunciado, visível em sua superfície, pois uma gama expressiva de informações se revelam e se escondem no campo do implícito e contribuem para a construção efetiva dos sentidos.

Considerando esses aspectos, esta unidade apresenta um estudo sobre o conteúdo implícito, como processo inferencial de comunicação, a propósito das máximas conversacionais de Grice. Definiu-se como objeto de análise "frases futebolísticas", ou seja, enunciados proferidos por jogadores de futebol.

## FENÔMENOS CONVERSACIONAIS: IMPLICATURAS E MÁXIMAS

As máximas conversacionais não são normas de uma conversação ideal, mas regras que desempenham um papel fundamental no processo de compreensão dos enunciados. Por serem conhecidas pelos interlocutores, permitem a transmissão de conteúdos implícitos, de acordo com Maingueneau (2001).

Os conteúdos implícitos decorrem de uma divergência frequente entre a significação das sentenças e o sentido enunciado. Nessa perspectiva, Grice formula a noção de implicatura e o estabelecimento do princípio de cooperação.

Para Fiorin (2003), o princípio de cooperação exige que cada enunciado tenha um objeto ou finalidade. Com frequência, os atos de fala são enunciados implicitamente e, portanto, só se percebe o objeto do propósito de um enunciado quando se entendem esses implícitos.

Maingueneau (2001) diz que esse princípio adquire todo seu peso nas conversações, quando os interlocutores estão em contato direto e interagem continuamente um com o outro. O princípio é válido também para qualquer outro tipo de enunciação, até mesmo para a escrita, em que a situação de recepção é distinta da situação de produção.

Em relação à noção de implicatura, você verá agora uma exposição fundamentada no trabalho de Fiorin (2003).

Grice define implicatura como inferências que se extraem dos enunciados, suscitadas por expressões linguísticas e pelo contexto ou pelos conhecimentos prévios do falante.

Como implicatura podem ser analisados muitos dos implícitos, circunstancial ou convencionalmente veiculados na conversação e muitas figuras de linguagem. [...] a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional (ILARI; GERALDI, 2004: 76).

Grice distingue dois tipos de implicaturas: convencionais e conversacionais.

As implicaturas convencionais são desencadeadas por uma expressão linguística e não precisa de elementos contextuais, enquanto as implicaturas conversacionais, generalizadas ou particulares, são provocadas por princípios ligados à comunicação.

As implicaturas conversacionais generalizadas são desencadeadas também por elementos linguísticos. Quando se diz André vai encontrar uma mulher à noite, há a implicatura de que essa mulher não é sua mãe, sua irmã etc., mas que esse encontro é de natureza sexual.

Para construir essa implicatura, utilizam-se dois elementos: um é o elemento linguístico, através do uso do artigo indefinido, infere-se que essa mulher não pertence ao seu círculo íntimo; o outro elemento é contextual, o qual indica que,

quando se faz referência à mulher com que um homem vai encontrar-se, trate-se de um encontro de natureza sexual.

Já as implicaturas conversacionais particulares são desencadeadas apenas pelo contexto. Podemos perceber, por meio do exemplo Ele enriqueceu durante o exercício de seus mandatos de deputado, a implicatura de que ele é desonesto. Não há nenhum elemento linguístico que desencadeie essa implicatura, é o contexto que diz, que no Brasil muitos políticos são corruptos.

É nessa perspectiva que podemos dizer que a implicatura conversacional apela sempre para as noções de princípio da cooperação e das máximas conversacionais.

Como já foi mencionado anteriormente, para Grice, o princípio da cooperação é o princípio geral que rege a comunicação, que é formulado da seguinte maneira: "que sua contribuição à conversação seja, no momento em que ocorre, tal como requeira o objetivo ou a direção aceita da troca verbal em que você está engajado".

Grice explicita esse princípio em quatro categorias gerais que constituem, dessa forma, as máximas conversacionais, que não são um corpo de princípios a ser seguido na comunicação, mas uma teoria de interpretação dos enunciados.

Desse modo, a existência das máximas implica sua violação. Por um lado, pode-se violar um máxima, para não infringir outra que é mais importante.

Na sequência desta unidade, estudaremos a teoria de interpretação dos enunciados.

## **TEORIA DE INTERPRETAÇÃO DOS ENUNCIADOS: MÁXIMAS CONVERSACIONAIS**

No interior do princípio de cooperação funciona um conjunto de regras chamadas de máximas conversacionais. Considerando Fiorin (2003), segundo Grice, as máximas são as seguintes:

### **MÁXIMAS DA QUANTIDADE**

- faça que sua contribuição contenha o tanto de informação exigida.
- não faça que sua contribuição tenha mais informações do que é exigido.

Abaixo seguem algumas circunstâncias de quando as máximas da quantidade são violadas:

- a) a resposta a uma questão não é suficientemente informativa:  
— *Onde Maria mora?*  
— *No Brasil.*

Nesse enunciado cria-se a implicatura de que o interlocutor não sabe exatamente onde Maria mora.

b) verbalizam-se informações evidentes, que suscitam respostas que marcam a inutilidade da informação:

— *Sou eu.*

— *Estou vendo.*

— *Você está aqui.*

— *Não, estou na França.*

c) não se dá a informação mais forte que se tem:

*Uma faxineira disse à dona da casa, quando esta chegou:*

— *A secretária eletrônica caiu.*

— *Não tem problema.*

*Mais tarde, ela constatou que o aparelho estava quebrado.*

d) afirmam-se banalidades que todos conhecem:

Numa reunião de professores de latim, dizer que essa língua tem cinco declinações.

e) utilizam-se tautologias:

*Criança é criança.*

*Dinheiro é dinheiro.*

#### **MÁXIMAS DA QUALIDADE (DA VERDADE)**

- não diga o que você acredita ser falso.
- não diga coisas de que lhe faltem provas.

A máxima da qualidade diz que a contribuição à conversação tem de ser verídica. Quando alguém diz Antonio fala seis línguas, infere-se que o falante está certo de que Antonio fala seis línguas. O que comprova a existência da máxima da qualidade é a impossibilidade de produzir enunciados como Comprei um revólver, mas não acredito que o tenha comprado. A exploração dessa máxima também pode ser feita, por exemplo, nas metáforas, hipérboles e ironias.

#### **MÁXIMA DA RELAÇÃO (DA PERTINÊNCIA)**

- seja relevante.

Com base em Grice, a máxima da relação rege a coerência da conversação, indica como se encadeiam os assuntos e como se faz para mudar de assunto:

— *Estou sem gasolina.*

— *Há um posto na esquina.*

Implicatura: Você pode me indicar onde eu encontro gasolina?

Permite inferir: O posto da esquina está aberto.

### MÁXIMAS DE MANEIRA OU MODO

- evite exprimir-se de maneira obscura.
- evite ambiguidade.
- seja breve.
- seja ordenado.

Essa máxima refere-se ao “como” falar, a produção de enunciados claros, organizados, econômicos. Compreende, também, o respeito aos turnos de fala, ou seja, cada um fala na sua vez.

Podemos perceber que a troca verbal obedece a uma lógica própria, expressa por máximas conversacionais com as quais os interlocutores comprometem-se ao fazer parte de uma conversação. No entanto, essas máximas podem ser violadas, extrapoladas pelos falantes quando não cumpridas, produzindo, dessa forma, sentidos diferentes do sentido literal.

De acordo com Guimarães (2002: 32) “[...] o ouvinte, tendo em vista que a conversação é regida pelo Princípio de Cooperação e pelas Máximas, faz um raciocínio para interpretar o sentido, numa situação dada.”

Guimarães traz o exemplo de uma situação em que o ouvinte irá à casa do locutor e este, no decorrer de um acerto de data lhe diz *Eu tenho um cachorro em casa*.

O ouvinte faz um tipo de raciocínio como segue:

1º se ele me diz que tem um cachorro e isto, esta informação não diz respeito ao estágio atual de nossa conversa, o que ele quer (tem a intenção) de me dizer?

2º a) vou à casa dele; b) cachorros são guardas de casa e assim são perigosos e estranhos;

3º então ele está implicando que devo tomar cuidado com o cachorro. Isto que é relevante no caso.

Ou seja, para Grice, o ouvinte procura um sentido para o enunciado que reponha o Princípio de Cooperação que esteja de acordo com as máximas. Para isto o ouvinte considera o que a informação literal pode estar dizendo de cooperativo, verdadeiro, relevante, etc, na situação. Se nada, então é preciso encontrar um sentido que reponha tais princípios. (GUIMARÃES, 2002: 33)

Agora veremos uma breve análise sobre o dito e o implícito em enunciados proferidos por jogadores de futebol.

## FRASES FUTEBOLÍSTICAS: UMA ANÁLISE SOBRE O DITO E O IMPLÍCITO

Com frequência, lemos e ouvimos frases proferidas por diferentes enunciadore. Mas, algumas chamam mais atenção do que outras, principalmente aquelas que causam certa "estranheza", até mesmo o riso, e são ditas em rede nacional e divulgadas na imprensa escrita e web.

Podemos destacar aqui as frases ditas por jogadores de futebol, geralmente no final de uma exaustiva partida quando a naftalina, ou melhor, **ADRENALINA** está elevadíssima. Algumas também são proferidas em situações de extrema tranquilidade.

Para realizar a análise das máximas conversacionais, considerando o princípio de cooperação e as máximas, foram selecionadas dez frases ditas por jogadores de futebol, retiradas de um site na Internet em outubro de 2005.

(1) *Clássico é clássico e vice-versa...* (BACANINHA.COM, 2005)

No enunciado, o jogador manifesta a idéia de que nenhum outro jogo iguala-se aos clássicos. Nesse caso ocorreu a violação da máxima da quantidade com tautologia, o elemento repetido, clássico, ganhou um novo sentido: nenhum outro jogo é tão importante ou bom como os clássicos. A expressão vice-versa pode ser analisada, nesse caso, como um pleonasma, já que vice-versa significa em sentido inverso, mutuamente, e torna-se redundante utilizá-la. Por esse aspecto é violada também, a máxima da qualidade.

(2) *Bom, eu não achei nada, mas meu companheiro ali achou uma correntinha, acho que é de ouro, dá pra ele vender!...* (BACANINHA.COM, 2005)

Josimar, ao ser questionado sobre o que achou do jogo, expressa, verbalmente, que não achou nada, mas seu companheiro achou uma correntinha.

A presença da ambiguidade no verbo achar explora a máxima da maneira ou modo. O repórter usou o verbo achar com o sentido considerar, julgar, enquanto o jogador usou-o com o sentido de encontrar.

Para responder à pergunta, o jogador faz uso do discurso irônico, pois, certamente, ele entendeu a pergunta, porém não quis respondê-la naquele momento. Associada à máxima de maneira é violada nessa situação a máxima da qualidade.

Nesse enunciado ocorre, também, a violação da máxima da relação (pertinência), pelo fato do falante não ser pertinente em relação ao assunto tratado. O ponto em questão era que considerações o jogador faria sobre o jogo e não se eles procurando ou encontrado coisas no campo durante o jogo.

### GLOSSÁRIO

**Adrenalina:** *sf.* 1. Hormônio produzido pelas glândulas supra-renais em situações de perigo ou estresse. 2. Bras. Gír. Situação esportiva, [...], que gera intensa descarga de adrenalina no organismo [...] (XIMENES, 2000, p.23)

E qual a diferença entre achar e encontrar? Use achar para definir aquilo que se procura, e encontrar para aquilo que, sem intenção nenhuma, apresenta-se à pessoa.

Veja: *Achei finalmente o que procurava. Maria encontrou uma corda de baixo da cama. Jorge achou o gato dele que fugiu na semana passada.*

Fonte: [http://www.felipex.com.br/cur\\_lingua\\_port.htm](http://www.felipex.com.br/cur_lingua_port.htm)

(3) *Não foi nada de especial, chutei com o pé que estava mais a mão.* (BACANINHA.COM, 2005)

João Pinto, ao comentar um lance do jogo, extrapola a máxima da qualidade através das figuras de linguagem pleonasma vicioso e metáfora. O pleonasma vicioso está presente na expressão chutei com o pé, uma redundância nos termos, pois a ação de chutar é atribuída aos pés, como cabecear atribui-se à cabeça. Além de que, exceto o goleiro, as regras do futebol não permitem que os demais jogadores utilizem das mãos para conduzir o jogo. Enquanto a metáfora, recurso de estilo em que se substitui a significação natural de palavras por outras que apresentam relação de semelhança, localiza-se em estava mais a mão, utilizada com o sentido de estar mais próximo, adequado ao instante.

(4) *Tenho o maior orgulho de jogar na terra onde Cristo nasceu...* (BACANINHA.COM, 2005)

Ao referir-se à cidade onde Cristo nasceu como Belém do Pará, o jogador produz um enunciado falso e dessa forma extrapola a máxima da qualidade, pois a contribuição não é verdadeira. Cristo nasceu, de fato, em Belém, mas não Belém do Pará.

(5) *Chegarei de surpresa, dia 15, às duas da tarde, voo 619 da VARIG...* (BACANINHA.COM, 2005)

A expressão chegar de surpresa implica a idéia de que não se sabe dia, hora e como alguém chegará. Pelo enunciado, Mengalvio extrapola a máxima da quantidade, pois esta prevê que a contribuição do enunciadador não contenha mais informações do que é exigido.

(6) *No México que é bom. Lá a gente recebe semanalmente, de quinze em quinze dias...* (BACANINHA.COM, 2005)

Nessa situação, viola-se a máxima da quantidade, pois a mesma indica que o falante deve sempre dar a informação mais forte de que dispõe, tendo em vista uma contribuição informativa e necessária. Assim, quando se diz lá a gente recebe semanalmente, infere-se que o jogador receba de sete em sete dias. Associada à máxima da quantidade está a máxima de maneira, pois o jogador não foi claro ao proferir o enunciado, ou bem ele recebe semanalmente ou quinzenalmente.

(7) *Quando o jogo está a mil, minha naftalina sobe.*  
(BACANINHA.COM, 2005)

Ao proferir o enunciado o jogo está a mil, o falante utiliza uma metáfora para implicar as características que uma partida de futebol apresenta em seu auge. Esse proferimento metafórico extrapola a máxima da qualidade.

No caso de minha naftalina sobe, há pouca clareza no enunciado em função da palavra naftalina, que não é pertinente para essa construção. Porém, podemos deduzir que possivelmente ele quis dizer adrenalina. Considerando esse aspecto, extrapola-se a máxima de maneira.

(8) *O meu clube estava à beira do precipício, mas tomou a decisão correta: deu um passo à frente.* (BACANINHA.COM, 2005)

Ao referir-se à situação do clube no qual atua, o jogador verbaliza a sua opinião através da figura de linguagem metáfora. Consequentemente, viola-se a máxima da qualidade. Por meio da expressão à beira do precipício, o significado convencional das palavras é ativado. Infere-se que o falante não pode estar querendo transmitir o significado literal da sentença. O que ele pretende é comunicar que as condições do seu clube assemelham-se às características de encontrar-se em “maus lençóis”.

O enunciado torna-se irônico em virtude da expressão que vem depois da metáfora. Logo, se o clube estava à beira do precipício e deu um passo a frente, então ele despencou do precipício e desse modo, a decisão deixa de ser correta.

(9) *Eu discordo com o que você disse.* (BACANINHA.COM, 2005)

Nesse enunciado o falante cria o verbo discordar através da junção dos verbos discordar e concordar, com o sentido de não concordar. A inferência que se tem desse enunciado é a não concordância do jogador com a possível fala do repórter, nessa situação o jogador estava em uma entrevista, em uma emissora de televisão.

A presença desse novo verbo no enunciado permite a violação da máxima da maneira, porque o enunciado não é claro. Utiliza-se de dedução para dar sentido ao enunciado. Para que o mesmo torne-se claro, pode-se reconstruí-lo das seguintes formas:

- a) Eu não concordo com o que você disse.
- b) Eu discordo do que você disse.

(10) *Nem que eu tivesse dois pulmões eu alcançava essa bola.*  
(BACANINHA.COM, 2005)

Bradock, ao reclamar de um passe longo, produz um enunciado falso. Assim, quando ele diz nem que eu tivesse dois pulmões, infere-se que o falante não tem dois pulmões, que tem somente

um. Nesse contexto, infringe-se a máxima da qualidade, pois a contribuição não foi verídica pelo fato de se saber que o sistema respiratório humano é constituído por dois pulmões e outros órgãos.

Dos enunciados analisados, encontramos sete ocorrências de violação da máxima de qualidade: considerando os locutores e o modo como a situação opera, ocorreu maior incidência quanto à violação da máxima de qualidade. Segundo essa máxima, não se deve dizer o que se acredita ser falso e não se deve dizer senão aquilo para o que se pode fornecer evidência adequada.

A violação da máxima de qualidade caracterizou-se pelo uso de figuras de linguagem, como pleonasma e metáfora, e uso de contribuições não verídicas.

Quatro violações da máxima de maneira: esta foi violada nas circunstâncias de uso de tautologia, repasse de mais informações do que é exigido e pelo de não se dar a informação mais forte que se tem.

Três violações da máxima de quantidade: quanto à máxima de maneira, observa-se maior frequência na falta de clareza dos enunciados e uma ocorrência de ambiguidade com o uso do verbo achar.

Uma ocorrência de violação da máxima de relação: presença da falta de coerência da conversação e também a questão da relevância caracterizaram a violação da máxima de relação.

Grande parte dos enunciados analisados foram proferidos em situações que podem ser consideradas adversas, pois todos foram ditos por jogadores de futebol, geralmente logo depois do término de uma partida.

Nessas ocasiões, os falantes ainda se encontram sob efeito da adrenalina, seja da empolgação da vitória seja da decepção da derrota, cansados ou até exaustos por terem corrido atrás da bola por cerca de noventa minutos e, logo que questionados ou solicitados a fazer declarações, não possuem tempo suficiente para planejar a fala, pois ainda estão “ligados” no jogo.

Essas “falhas de comunicação”, infelizmente, acabam sendo interpretadas por muitos como pouca inteligência ou inaptidão verbal, estereotipando os jogadores como “bons de bola”, mas “ruins de palavras”.

Deixando de lado esse aspecto, o resultado de tais adversidades materializa-se nesses enunciados que foram analisados: frases com ambiguidade ou falta de clareza ou ainda informações em excesso ou falta de informações, produzindo frases que fazem rir.

O que se pode perceber é que os significados produzidos são determinados pelo uso, a partir de uma avaliação global da interação entre interlocutores e meio. Porém, pouca atenção é reservada aos estudos da significação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.

BACANINHA.COM. **Frases do mundo do futebol**. Disponível em: <[http://bacaninha.cidade.com/home/mensagens/enracadas/2002/10/frases\\_do\\_mundo\\_do\\_futebol/frases\\_do\\_mundo\\_do\\_futebolL.htm](http://bacaninha.cidade.com/home/mensagens/enracadas/2002/10/frases_do_mundo_do_futebol/frases_do_mundo_do_futebolL.htm)>. Acesso em: 27 out. 2005.

*Oitava semana*

## REVISÃO FINAL

Aproveite esta semana para estudar, revisar... releia os textos e aproveite para tirar suas dúvidas com a professora e as tutoras.

Principais itens a revisar para a avaliação final:

- conceito e objeto da Semântica;
- a Semântica nos Estudos da Linguagem;
- os aspectos vocabulares da Semântica;
- os processos de produção de sentidos;
- as relações lógicas e de sentido nas sentenças;
- as predicções, os predicadores e os papéis argumentais;
- as contribuições dos trabalhos de Grice e Austin para a Semântica.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. Trad. Eduardo Guimarães. 2. Ed. Campinas, SP: RG Editora, 2008.

ILARI, R.; GERALDI, J.W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

ILARI, R. **Introdução à semântica: brincando com a gramática**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.

MARI, H. **Os lugares do sentido**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

MARQUES, M.H.D. **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.